



GIORGIO AGAMBEN E AS NOÇÕES DE DISPOSITIVO, AMIZADE E A BUSCA PELA VISÃO NA OBSCURIDADE DO PRESENTE PARA ENTENDER O CONTEMPORÂNEO

Wilson Krette Júnior*

Em *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*, traduzido para a língua portuguesa em 2009 e publicado pela Editora Argos, estão reunidos três ensaios do filósofo italiano Giorgio Agamben.

Os ensaios partem de questões distintas, mas que, em maior ou menor sentido, complementam-se, na medida em que discutem as principais indagações acerca da ação humana relacionada ao problema do tempo.

O primeiro deles traz, assim como o título da obra, um questionamento – *o que é um dispositivo?* –, inserindo-nos em uma incursão do termo dispositivo em Michel Foucault, ampliando a análise para um contexto histórico, passando por questões de ordem de genealogia teológica e desencontros de tradução do termo grego *oikonomia*, traduzido pelos padres latinos como *dispositivo*, chegando até a própria definição do autor acerca do tema central proposto.

O dispositivo para Agamben é compreendido como criação e proliferação de mecanismos da política contemporânea para controlar a conduta e as opiniões de todos os seres humanos na sociedade capitalista. Essa conferência foi apresentada pela primeira vez em 2005, na passagem do filósofo pelo Brasil.

Em "O amigo", as relações entre amizade e filosofia permeiam o estatuto ontológico e, ao mesmo tempo, político dessas relações, destacadas a partir de trechos dos livros oitavo e nono da *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles.

Os amigos não dividem algo (um nascimento, uma lei, um lugar, um gosto): eles são *com-divididos* pela experiência da amizade. A amizade é a divisão que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida (AGAMBEN, 2009, p. 15).

A primeira versão desse texto foi lida por Agamben durante o recebimento do *Prix Européen de l'Essai Charles Veillon*, em 2006, em Lousanne.

* Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

E em *O que é o contemporâneo?*, que retoma a lição inaugural de um curso dado em Veneza e publicado em 2008, Agamben propõe, a partir dessa indagação, algumas definições e pistas para entendermos de quem e do que somos contemporâneos, a partir de um entendimento mais amplo do que é ser contemporâneo.

A primeira delas e, de certo modo, provisória vem de Friedrich Nietzsche, ao publicar as *Considerações intempestivas*, resumida por Roland Barthes (apud AGAMBEN, 2009, p. 58) como "o contemporâneo é o intempestivo", entendendo dessa forma, a contemporaneidade como "uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias" (apud AGAMBEN, 2009, p. 59).

Agamben avança na construção da resposta e identifica referências na neurofisiologia da visão, instigando-nos a buscar a *visão no escuro* como uma contrapartida de não nos deixarmos cegar pelas luzes do século; não aquele do tempo cronológico, e sim o que se apresenta como obscuro. "Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo" (AGAMBEN, 2009, p. 65).

Giorgio Agamben propõe entendermos o contemporâneo rumo a uma revolução em busca de nos aproximarmos de um outro tempo, que está para além do tempo cronológico. E não apenas do que está por vir, mas sim do presente e de seu retorno incessante, aproximando-se da noção de poesia.

Para confirmar esse conceito, o filósofo italiano recorre ao poema "O século", de 1923, de autoria do poeta russo Osip Mandel'Stam: "O poeta - o contemporâneo - deve manter fixo o olhar no seu tempo" (AGAMBEN, 2009, p. 59).

Agamben (2009, p. 67) busca, ainda, contribuições para o entendimento da questão do contemporâneo na astrofísica e na moda, com sua peculiar descontinuidade: "O tempo da moda está constitutivamente adiantado a si mesmo e, exatamente por isso, também sempre atrasado, tem sempre a forma de um limiar inapreensível entre um 'ainda não' e um 'não mais'".

Essa ruptura e o distanciamento do anacrônico fazem-nos ampliar a visão acerca do que é contemporâneo, não apenas levando em consideração a inscrição de nosso século, e sim a interpelação desse tempo, transformando-o em relação a outro tempo: "É como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse fecho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora" (AGAMBEN, 2009, p. 72).

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Santa Catarina: Argos, 2009. 92 p.